

Uma vida bem vivida



Jéssica Pretto

Sentado em uma cadeira de praia na varanda de uma casa de fundos em uma movimentada avenida de Curitiba. É assim que seu Ireno, hoje com 93 anos, passa a maior parte do tempo. Mas a sua vida nem sempre foi assim tão pacata. Por volta dos anos 1960, ele tinha uma vida agitada no interior do Paraná. Cuidava da fazenda de café de seu pai e fazia parte do Clube Social de Terra Boa, cidade onde morava com a esposa e seus cinco filhos. Estava presente nos eventos da sociedade. Em 1967, foi o primeiro da região a ter uma televisão em casa. “Todo mundo ia assistir a novela *Irmãos Coragem*, ficava lotado”, relembra.

Ireno era envolvido na política, chegou a se candidatar a vereador. O motivo? “Meu irmão era do partido contrário e ia se candidatar, então me candidatei pelo partido Arena para ele desistir.” Teve 250 votos. Não foi eleito, até que um ano depois um vereador morreu e ele entrou como primeiro suplente.

Em uma manhã de sábado no ano de 1975, enquanto levava seu filho mais velho para estudar em Curitiba, foi parado pela polícia na estrada. “Eles estavam do outro lado, desci do carro e fui atravessar para entregar os documentos pra eles.” Foi atropelado e arrastado por um carro do Detran. Levado ao hospital no seu próprio carro, dirigido por um policial, ficou 40 dias internado.

Mas, infelizmente, este não foi o único acontecimento ruim daquele ano. Pouco tempo depois, uma geada na fazenda matou os cafezais. Junto com seus irmãos, vendeu a propriedade. “Comprei um sítio, comecei a cultivar outras coisas, comprei gado”, ele conta. Entretanto, o que ele sabia mesmo era cuidar dos cafezais. Acabou tentando outros investimentos que não deram certo, até que, em 1995, seguiu a ideia de um de seus filhos de ir para Curitiba. Com toda a família, vendeu tudo e chegou à capital.

Comprou uma panificadora no bairro Novo Mundo, e alguns anos depois acabou falindo. “Como meus filhos já estavam encaminhados na vida e eu ganhava um salário de aposentadoria, não passamos tantas dificuldades”, conta.

Foi aí que a vida do seu Ireno começou a desacelerar. Por conta da idade avançada, parou de dirigir. Na sua casa, onde antes moravam dez pessoas, ficou ele e a esposa. Uma vez por ano ia para o Mato Grosso, visitar o filho mais velho que mora lá. “Ia no inverno, para fugir do frio de Curitiba.” Também fazia caminhadas e uma vez por mês pegava o ônibus e ia ao centro de Curitiba, para buscar sua aposentadoria no banco.

Em uma dessas idas, quando saía do banco com o salário, acabou caindo em um golpe do bilhete premiado. Um homem o abordou dizendo que trocaria com ele um bilhete de loteria premiado pelo valor da aposentadoria. Ireno lhe entregou o dinheiro, mas o homem desapareceu. Sua esposa conta que ele sentiu muita vergonha por ter sido vítima de um golpe. “Ele ficou quieto por dias, sem conversar direito. E não foi pelo valor, foi por ter sido enganado daquele jeito.” Desde então, ele começou a pedir para as filhas ou neta o acompanharem ao banco. “A gente vai ficando velho e não consegue mais fazer as coisas sozinho”, ele comenta. As viagens para o Mato Grosso foram diminuindo, até que também não era mais possível viajar sozinho. Os dias foram se tornando mais tediosos, em casa.

Poucos meses depois de completar 93 anos, caiu na frente do portão da sua casa e cortou a cabeça. Foi levado ao hospital de ambulância e ficou alguns dias na UTI. Locomover-se virou uma dificuldade e, por precaução, não fica mais sozinho em casa. A bengala virou um acessório indispensável.

Muito querido por seus filhos e netos, Ireno sempre tem a companhia deles nos fins de semana. “Sempre foi um pai presente, nos incentivava a estudar. Todo dia depois das nossas aulas na escola, ele perguntava o que tínhamos aprendido e qual livro estávamos lendo”, conta sua filha Juliana. Seguindo o ciclo da vida, os papéis se inverteram e agora quem cuida dele é a sua família.

Mesmo com as limitações da idade, seu Ireno segue com vontade de viver. Ele tem gosto pela vida, pela família e pelo time de futebol do coração, o Palmeiras. E espera poder viver muitos outros anos, ainda que na sua cadeira de praia na varanda de casa.